

# A PRAÇA NO SUBÚRBIO CARIOCA

Forma, uso, apropriação e influência na ativação urbana

Marcio Batista de Sant  
Anna  
Denise Alcantara  
Universidade Federal Rural do  
Rio de Janeiro

**RESUMO** | Este trabalho analisa relações entre os padrões de qualidade urbana dos Conjuntos Habitacionais dos Institutos de Aposentadoria e Pensão (IAPs) e os conjuntos habitacionais provenientes da política habitacional do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), determinantes para o enriquecimento das atividades sociais, culturais e de serviços de bairros suburbanos, tendo o espaço público designado como praça como um dos geradores dessa qualidade. A transformação da praça de equipamento quase exclusivamente desportivo para local de cultura e lazer dioturnos é estudada para delimitar a subutilização desta categoria de espaço livre de edificações se seus potenciais de uso e atributos funcionais, ambientais e estéticos, não forem explorados na totalidade. Pretende-se traçar um comparativo com a situação existente em conjuntos habitacionais (IAPs e PMCMVs), quanto a seu isolamento da malha urbana e como afeta a qualidade e uso dos espaços públicos e privados nos conjuntos habitacionais elencados.

Palavras chave: ativação urbana, subúrbio carioca, PMCMV, IAPs

**ABSTRACT** | This work analyzes relationships between the urban quality standards of the Housing Complexes of the Retirement and Pension Institutes (IAPs) and the housing complexes from the housing policy of the Minha Casa Minha Vida (PMCMV), which are decisive for the enrichment of social, cultural and services in suburban neighborhoods, with the public space designated as a square as one of the generators of this quality. Transformation of the square from an almost sporting equipment to a place for all time culture and leisure is studied to limit the underutilization of this category of free building space if its potential uses and functional, environmental and aesthetic attributes are not fully explored. The aim is to draw a comparison with the existing situation in housing complexes, regarding their isolation from the urban fabric and how it affects the quality and use of public and private spaces in the listed housing complexes.

Keywords: urban activation, carioca suburbs, PMCMV, IAPs

## 1. Introdução

A pesquisa será realizada em praças do subúrbio carioca, nos bairros de Irajá, Vista Alegre e Vila da Penha, e conjuntos habitacionais próximos às praças.

A escolha dessa região da cidade se deu por conta da diversidade de exemplos de equipamentos habitacionais coletivos e a boa rede de espaços públicos existentes na região. Normalmente os bairros do subúrbio carioca não possuem áreas de lazer e equipamentos desportivos suficientes em relação a sua população. Devido a essa exceção na região delimitada, cria-se uma possibilidade de comparação dos diferentes tipos de conjuntos habitacionais em relação a sua ocupação no território e suas influências nas dinâmicas urbanas. Também há a possibilidade de estudo para o entendimento de como as praças adjacentes a esses conjuntos habitacionais tem seus usos diversificados para atender a população, e como essa diversidade de usos pode influenciar na ativação urbana local.

A pesquisa pretende investigar como as praças suburbanas com vocação para o lazer diurno podem influenciar nas dinâmicas urbanas dos territórios que estão inseridas.

Através de estudos de caso, a pesquisa relacionará as formas de ocupação e relação com a malha urbana dos equipamentos habitacionais do tipo IAPs e do tipo MCMV.

A pesquisa investigará como a diversidade de usos das praças influencia na malha urbana de acordo com a natureza do conjunto habitacional, e se há um modelo de conjunto habitacional que influencie na ativação urbana de forma mais direta. A própria malha urbana das localidades será estudada para investigar as possíveis transformações ocorridas com as ocupações dos seus territórios pelos conjuntos habitacionais e pelas transformações e diversificações de usos das praças suburbanas.

A pesquisa dialoga com o campo do Planejamento Urbano e Regional no estudo das dinâmicas de crescimento e transformação das localidades suburbanas, na avaliação do ambiente urbano projetado e construído e se ele atende as necessidades e expectativas da população imediata e nos impactos relacionados ao incremento das atividades socioeconômicas a partir do fenômeno estudado.

A pesquisa pretende fazer a identificação do tecido urbano a nível das praças, dos IAPs, MCMV, bairros e áreas de abrangência, isolar e analisar os conjuntos habitacionais e suas dinâmicas no relacionamento com os seus entornos, identificar o próprio entorno como território de diálogo entre as estruturas componentes do estudo.

A pesquisa se propõe a qualificar as praças quanto à sua morfologia, distribuição espacial, usos projetados, usos incorporados e relação com o entorno. O bairro e área de abrangência serão estudados a nível de: localidades centrais, fluxos internos, usos, vetores (locomoção, transformação, eixos e geratrizes de dado).

A pesquisa explicitará a relação direta entre os conjuntos habitacionais e as praças, com o estudo do incremento de atividades gerado a partir da diversificação dos usos dos equipamentos.

Será feito um estudo qualitativo transversal sobre como o incremento das atividades pode impactar as áreas atendidas a nível de: segurança, valorização imobiliária, senso de pertencimento, sítio cultural, marco regional.

A pesquisa irá propor um marco temporal, uma camada em outra dimensão, trazendo a evolução das localidades em função do fenômeno estudado.

Os objetos estudados na pesquisa dialogam com os campos do conhecimento do Planejamento Urbano, Urbanismo, Paisagismo, Evolução Urbana, Economia Regional Urbana, Culturas, Artes e Expressões Populares e Bem Estar Social.

### **O conceito carioca de Subúrbio**

“o insólito aspecto urbano que actualmente têm os nossos subúrbios - coisa que não se espera topar em paragens de tal nome” Lima Barreto (Revista Suburbana, 3 set. 1922, p.6)

No Rio de Janeiro a concepção que os territórios mais afastados do centro da cidade teriam vocação para a ocupação residencial e seriam uma solução para a habitação popular só ganharam força com as reformas de Pereira Passos no começo do século XX.

Aliado a isso criou-se uma mítica que as localidades com bairros populares à margem da linha do trem, dentro do território municipal e da área urbana seriam os subúrbios cariocas. O trinômio trem-subúrbio-proletário passou a determinar o que seria o conceito carioca para determinadas áreas suburbanas que, se não totalmente periféricas, não pertenciam ao centro tradicional da cidade. Um conceito diferente do que se observava nos subúrbios nos EUA e Europa, onde esse distanciamento do centro urbano significava uma maior possibilidade de tranquilidade, propriedades maiores e menor densidade demográfica, possibilitando uma estratificação social que se adequasse às necessidades da população suburbana, sendo esses territórios ocupados pelas classes média e alta da sociedade.

Um conceito que até o final do século XIX também estava presente na cidade, onde bairros mais afastados do centro como Catumbi, Botafogo, Catete e Gávea eram considerados suburbanos e continham características semelhantes aos subúrbios do modelo de Hoyt nos países centrais, como padrão geral da urbanização capitalista liberal.

A associação com a ferrovia é tão forte e presente no conceito carioca de subúrbio que localidades e bairros que não eram atendidos pelas linhas férreas e estações de passageiros não eram consideradas subúrbios, mesmo quando afastados do centro da cidade, em localidades periféricas, com baixa densidade e ocupação.

A região metropolitana do Rio de Janeiro foi sendo constituída com signos representativos das regiões que, em sua essência e características, seriam

suburbanas, mas que pela falta de conexão com os traçados ferroviários adquiriram denominações diversas, como a região de Jacarepaguá, na própria Barra da Tijuca. E ao mesmo tempo observa-se que regiões atendidas pelas linhas férreas, como a Baixada Fluminense e os bairros de Campo Grande e Santa Cruz, apesar de suburbanas, não são assim denominadas. Tal fenômeno poderia ser explicado pela época de ocupação massiva dessas localidades, ou pela característica de ocupação, onde uma periferia industrial (a periferia industrial possuía representatividade de diferentes classes sociais) como Bangu não seria considerada um subúrbio carioca, apesar de ser atendida pela Linha Central do Brasil.

Todos esses aspectos e fatores elencados anteriormente servem apenas para confirmar o que realmente caracterizaria o conceito de subúrbio carioca: periferia onde há a presença das classes sociais média e alta não há a designação de subúrbio na região metropolitana carioca.

A Zona Sul com Copacabana, Ipanema, Jardim Botânico e o Horto, Gávea como antes citada, São Conrado e a sua “rocinha”, todas regiões afastadas do centro da cidade, com pouca ocupação, nas margens periurbanas da cidade, algumas com características rurais inclusive, não eram consideradas como subúrbio carioca no início do século XX.

Apesar de mencionada anteriormente como “território carioca não suburbano” por denominação, a Barra da Tijuca se encaixa com uma exceção na questão de os territórios da frente oceânica da cidade terem assumido uma configuração de ocupação social diferenciada em relação ao subúrbio carioca. No início do século XX a Barra da Tijuca era uma zona rural, desocupada, afastada do centro da cidade e sem serviços de linhas férreas. Pode-se dizer que se tratava de um território adormecido, não metropolizado, um território reserva. Mas que com o projeto de urbanização de Lúcio Costa no final da década de 60 assumiu características de subúrbio americano, com suas avenidas largas e de alta velocidade, a setorização dos serviços em espaços dedicados a shoppings centers, a segregação das localidades residenciais e o direcionamento das mesmas para a ocupação das classes média e alta da sociedade. Além da premissa de se tornar um novo centro metropolitano. Em função desses aspectos, e mesmo que sua ocupação tenha sido tardia em relação às outras áreas da região metropolitana, a Barra da Tijuca também não se enquadrava nos requisitos necessários para ser denominada como subúrbio carioca.

“É a classe social que determina o que é subúrbio, a geografia não importa, a tal ponto de a posição excêntrica e francamente suburbana da Barra da Tijuca ser vista como um acidente, algo fora dos nossos padrões e difícil de ser admitido” (Fernandes, 2011, p.36)

### **O subúrbio carioca como um Território Reserva**

Vemos em Robira que os territórios não metropolizados muitas vezes assim são deixados como forma de no futuro servirem aos interesses do capital, como reservas de territórios onde o capital poderá continuar a sua expansão. Os territórios assim deveriam permanecer, de acordo com Harvey, para no esgotamento dos territórios ocupados e a superacumulação do capital tivesse para onde prosseguir sua expansão.

De certa forma os territórios do subúrbio carioca assim poderiam ser entendidos como uma possibilidade de expansão de novos capitais, mas como território não capital eles não se classificariam. Iniciativas de produção de unidades habitacionais, com a propriedade sendo ofertada para que as classes mais baixas tivessem a oportunidade do estabelecimento, da apropriação, do senso de pertencimento, para que os seus sítios ficassem cada vez mais distantes e isolados do centro da cidade e das regiões mais valorizadas são iniciativas próprias da expansão do capital entre as classes mais baixas. O bem estar social oferecido pelo capital liberal é uma forma de utilização dos territórios reservas suburbanos.

A questão é: a ocupação do espaço é o único condicionante denominador do território? Ou por território entendemos outras esferas que podem assumir representatividades múltiplas, todas elas passíveis de estarem “reservadas” em dado momento histórico para quando oportuno o capital se expandir e se apropriar dessas outras dimensões que o território possui?

Robira fala das reservas futuras para oportunidades de produção de novas mais valias, e por isso podemos entender que o território do subúrbio carioca ainda se encontra em momentos de reserva para o capital, pois ainda se trata de um território colonizado e dependente da sede metropolitana. Mesmo que seja um território estabelecido e ocupado, ainda depende da metrópole para decisões que dizem respeito ao seu funcionamento, segurança, infra estrutura e regulamentos diversos.

Quando se entende o território suburbano carioca como uma região de alta periculosidade e altos índices de criminalidade, entende se também que por algum motivo essa esfera do capital é deixada de lado, pois no momento a criminalidade e insegurança ainda são elas mesmas as próprias reservas dos investimentos que em um momento futuro beneficiarão o capital de alguma forma.

A precariedade, a obsolescência, a escassez, todas essas situações quando impostas ao território suburbano carioca são formas de garantir reservas futuras para iniciativas do capital que desde já, ou tempos atrás, já poderiam e deveriam ser praticadas. A fluidez do capital seguirá suas prerrogativas de quando e como determinado aspecto “reserva” será utilizado. Da crueldade no subúrbio carioca depende a fluidez do capital.

Ainda segundo Robira “os espaços metropolitanos poderiam ser caracterizados como aqueles que acumulam e dispõe da maior capacidade para transformar em bens escassos elementos necessários para a condição ‘natural’ de vida dos cidadãos... e pode se dizer que essa acumulação de escassez de condições ‘naturais’ básicas alimenta e sustenta o processo de colonização, capitalização ou metropolização do território...” demonstrando que o acúmulo da escassez da segurança, entre outros serviços básicos, é o que faz do território suburbano carioca, território já metropolizado e inserido em várias nuances do capital, ainda um território reserva.

## 2. Objetivos

O objetivo geral é estudar a transformação da praça desportiva em equipamento de lazer, de serviço e cultural e sua influência nos IAPs e PMCMV.

Serão estudadas praças e conjuntos habitacionais do subúrbio carioca na região dos bairros de Irajá, Vista Alegre e Vila da Penha. Um fator condicionante para elencar os territórios a serem estudados é haver relação direta entre a praça e uma das tipologias de conjunto habitacional, seja IPAs ou do PMCMV, para se estabelecer um comparativo temporal a respeito da influência que conjuntos habitacionais de épocas diferente podem exercer sobre o equipamento praça.

Dentre os objetivos específicos:

- (a) identificar as praças públicas representativas no subúrbio carioca, categorizando-as em relação a seus atributos funcionais (usos), ambientais e estéticos;
- (b) selecionar conjuntos habitacionais a partir do tipo de permeabilidade e integração ao tecido urbano;
- (c) relacionar e avaliar a integração da praça com o conjunto habitacional;
- (d) analisar prós e contras da adoção do modelo isolado de conjunto habitacional, onde sua ocupação está completamente segregada da malha urbana local;
- (e) definir se ao vocacionar as praças para o uso de serviços ou cultural é proporcionada valorização da urbana à vizinhança.

### 3. Hipótese

O uso da praça como equipamento de lazer e serviços noturno é uma alternativa encontrada pelo usuário/população para suprir as deficiências da rede de serviços e lazer local.

A praça pode atender a sociedade em outras esferas que não somente a desportiva. A hipótese que a adoção do shopping center como substituto da praça diminui a riqueza do tecido urbano, desvalorizando as vizinhanças e aumentando a insegurança local deve ser levada em conta como justificativa para a integração da praça e dos conjuntos habitacionais.

A segregação dos conjuntos habitacionais, assim como dos edifícios em geral na malha urbana, é um fator de empobrecimento da diversidade de usos e serviços, piora da segurança, e desvalorização das vizinhanças.

Outra hipótese justificativa seria a comparação de parâmetros de qualidade diversos entre os espaços coletivos de uso comum de conjuntos habitacionais segregados e não segregados, e como esses espaços podem influenciar a malha urbana em função da sua integração ou segregação.

A praça pode ser um vetor gerador de qualidade urbana em diversas esferas quando seus usos estão agregados às necessidades locais e promovem a integração com as vizinhanças imediatas.

Entender como a integração dos conjuntos habitacionais, sejam eles IAPs ou PMCMV, aos equipamentos da malha urbana próximos pode ser benéfica em vários aspectos.

### 4. Questão

#### 4.1 Questões Principais

A diversidade dos usos das praças pode ser um fator de enriquecimento da malha urbana mesmo quando imediatamente influenciadas pela segregação imposta por modelos de conjuntos habitacionais isolados?

O enriquecimento e potencialização da diversidade de usos das praças suburbanas pode gerar senso de pertencimento para a comunidade local além do já proporcionado por esses equipamentos?

#### **4.2 Questões Orientadoras**

Como os IAPs influenciam a dinâmica social/lazer noturna estabelecida nos entornos dos equipamentos habitacionais?

O isolamento e fechamento dos conjuntos habitacionais, causados por diversos fatores como a falta de segurança pública, prejudicou a malha urbana no que diz respeito à sua ativação, aos seus fluxos de comunicação, à permeabilidade do seu território e ao seu sistema de espaços livres?

Quando um conjunto habitacional é concebido de forma integrada à malha urbana seu posterior isolamento influencia mais nas dinâmicas urbanas que quando o conjunto é concebido de forma isolada?

Como a sociedade civil pode se apropriar do espaço público da praça de forma mais efetiva para atenuar a segregação dos conjuntos habitacionais de hoje em dia?

Como as propostas de ocupação da praça através de iniciativas comunitárias podem acontecer de forma mais ordenada, criando vínculos de senso de pertencimento para a população, proporcionando a criação de políticas públicas de forma oficial perante as autoridades governamentais, e passando a ser matriz de desenvolvimento urbano e geração de renda e emprego locais?

Os equipamentos coletivos de uso comum dos IAPs se tornam tão restritivos quanto os do PMCMV a partir do momento que os IAPs são isolados da malha urbana?

O modelo isolado do PMCMV estaria contribuindo para o aumento dos problemas relacionados à segurança pública das vizinhanças imediatas?

A alta densidade proporcionada pelos projetos do PMCMV traz algum benefício direto para as vizinhanças como aumento da segurança, incremento da rede de serviços e melhoria da qualidade urbana?

### **5. Metodologia**

Inicia-se com análise documental da evolução suburbana carioca, a inserção dos IAPs e relação com as vizinhanças imediatas.

Análise qualitativa de conjuntos habitacionais, com estudos de casos e pesquisa tipomorfológica com mapeamento e visitas de campo.

Observação participante com aplicação de entrevistas semi-estruturadas e

questionários online, confrontando os dados com a análise documental, projetual, cartográfica e bibliográfica.

Mapeamento cognitivo onde serão confrontadas as questões elencadas para o desenvolvimento do estudo com as impressões locais dos usuários.

Levantamento iconográfico relativo às praças elencadas para o estudo com bases fotográficas de diversas épocas e a partir de imagens de satélite.

Através das entrevistas, da observação cotidiana e do mapeamento cognitivo será elaborado um mapeamento comportamental de usos, ocupações e apropriação do espaço relativo às praças, que servirá como instrumento de mensuramento do nível de influência das atividades das praças nas dinâmicas urbanas.

## 6. Resultados esperados

Confirmação das transformações ocorridas na dinâmica urbana proporcionadas por conta dos novos usos dos equipamentos locais por parte da população residente nos conjuntos habitacionais.

Identificação dos aspectos que contribuem para o uso da praça como praça de lazer diurno.

Proposta de alternativas para diminuição da segregação dos conjuntos habitacionais.

Proposta de política pública para regulamentação de atividades relacionadas ao lazer e serviço diurnos nas praças suburbanas e ocupação de áreas ociosas e obsoletas com propostas de bem estar social e sustentabilidade para a população local.

Como resultados esperados, inclui-se o registro temporal e espacial por meio de gráficos, fotos e mapas das transformações ocorridas na dinâmica urbana no subúrbio carioca proporcionadas pelos novos usos e apropriações por parte da população residente nos conjuntos habitacionais e sua importância na integração e ativação urbana. Intenciona-se delimitar propostas e diretrizes de planejamento urbano e políticas públicas visando a tal integração e ampliação de atividades relacionadas ao lazer diurno nas praças suburbanas, e identificação de áreas ociosas e subutilizadas para possível transformação de uso visando o bem-estar urbano e valorização do lugar.

## 7. Bibliografia

FERNANDES, N. DA NÓBREGA. (2011). O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro 1858/1945. Rio de Janeiro: Apicuri.

HARVEY, D. (2014). Cidades rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes.

HARVEY, D. (2015). Espaços de esperança. São Paulo: Edições Loyola.

LERNER, J. (2013). Acupuntura urbana. Rio de Janeiro: Record.

ROBIRA, R. T. (2005). Áreas metropolitanas: espaços colonizados. In A. F. A. Carlos & C. Carreras (Eds.), *Urbanização e mundialização: Estudos sobre a metrópole* (pp. 9-20). São Paulo: Contexto.

SINGER, P. (1982). O uso do solo urbano na economia capitalista. In E. Maricato & F. de Oliveira (Eds.), *A produção capitalista da casa e da cidade no Brasil industrial* (pp. 21-36). São Paulo: Alfa Omega.

XVI Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo / Cristina Araujo Lima...  
[et al.] ; Contribuciones de Josefina Dámaris Gutiérrez ; Compilación de Mónica S. Martínez. - 1a ed compendiada. - Córdoba : Editorial de la Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño de la Universidad Nacional de Córdoba ; Cataluña : Universitat Politècnica de Catalunya, 2024.  
Libro digital, PDF

Archivo Digital: descarga y online  
ISBN 978-987-8486-61-1

1. Urbanismo. I. Araujo Lima, Cristina II. Gutiérrez, Josefina Dámaris, colab. III. Martínez, Mónica S., comp.

CDD 711.007